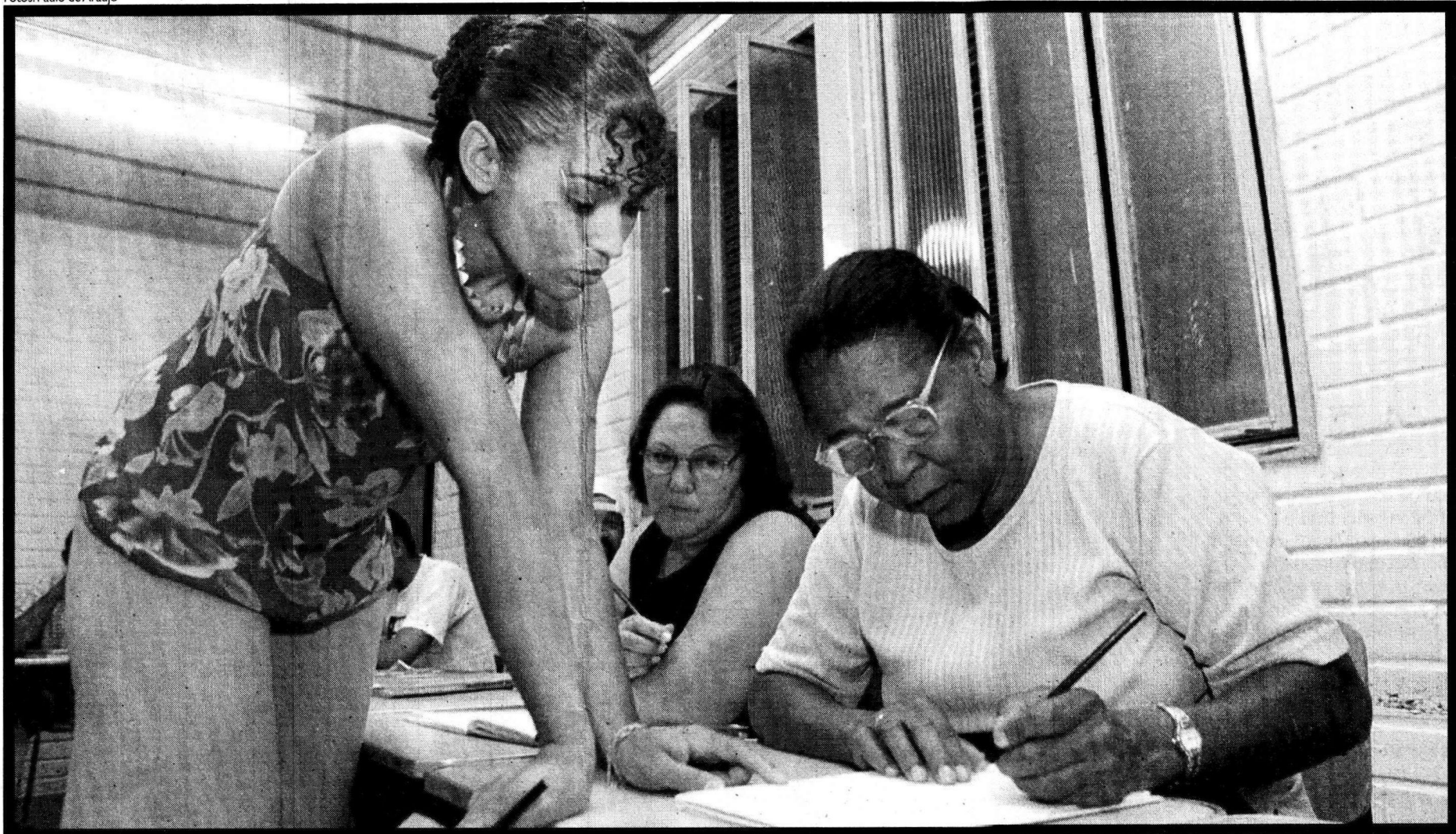


Universidade a serviço da cidadania

JULIANA CÉZAR NUNES
DA EQUIPE DO CORREIO

Fotos: Paulo de Araújo



A DONA-DE-CASA MARIA LUIZA DA SILVA, MORADORA DE SAMAMBAIA, APRENDE AOS 68 ANOS AS PRIMEIRAS LETRAS, COM A ALFABETIZADORA CLÁUDIA DOS SANTOS, TREINADA NA UnB: TRABALHO PESADO NA ROÇA

DEPOIMENTOS

VALDIRA PEREIRA, 43 ANOS, MORADORA DA CEILÂNDIA

“Depois que aprendi algumas palavras, estou mais feliz em casa”

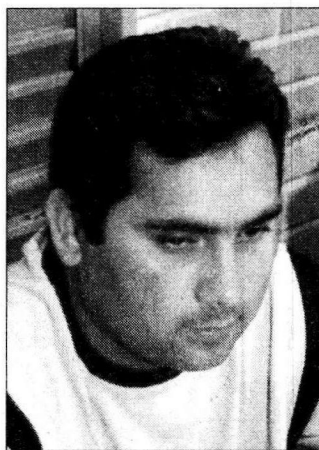


“O cansaço sempre me atrapalhou. Trabalhava o dia inteiro e chegava de noite sem a menor vontade de estudar. Dessa vez, estou conseguindo levar os estudos em frente. Meu trabalho na firma de limpeza termina cedo e fico uma hora e meia esperando a aula começar. Ainda não dou conta de ler reto. Mas já escrevo meu nome muito bem. Também adoro trocar bilhetes com os colegas. Às vezes recebo até

umas cantadas por bilhete (risos). Depois que aprendi algumas palavras, estou mais feliz em casa. Sempre tive muita vergonha de não conseguir ajudar meus dois filhos nos estudos, mas fazia de tudo para eles aprenderem. Paguei até aula de reforço. O mais velho, de 17 anos, está terminando o 2º grau (ensino médio), e a mais nova, de 15 anos, vai começar. Agora é a minha vez de aprender.”

FRANCISCO RODRIGUES, 24 ANOS, MORADOR DA CEILÂNDIA

“Fico cansado, mas não vou desistir. Melhorei muito no trabalho”



“Morei muito tempo no interior do Maranhão. Lá no meu município quase não tinha escola. Consegui me matricular em uma aos 12 anos. Mas em poucos meses a escola faliu. Não aprendi nada. Depois tive que trabalhar para viver e desisti de estudar. Sempre trabalhei na roça. Há três anos, minha irmã mudou pra Brasília e me convidou para morar com ela. Cheguei sem escrever nem meu nome. Ler eu sabia um pou-

co. Gravei o formato das letras e conseguia pegar ônibus sem problema, mas meu sonho mesmo era escrever. Estou há oito meses nessa aula e já consigo escrever o nome do meu pai, minha mãe e dos meus 23 irmãos. Fico cansado, mas não vou desistir. Melhorei muito no meu trabalho. Sou ajudante de montador de móveis. Antes, fazia tudo de olho. Agora consigo ler o manual e terminar tudo rapidinho.”

SEM BARREIRAS

Onde se tornar um alfabetizador no DF

Centro de Educação e Pesquisa de Alfabetização e Cultura de Sobradinho (Cepacs)

● Endereço: Quadra 9, área especial 4, lote 8, edifício De Brito, Sobradinho

● Telefones: 483-2325/314-4448

Centro de Educação Paulo Freire de Ceilândia (Cepafre)

● Endereço: CNN 1, bloco E, sala 31, 2º andar, Ceilândia Norte

● Telefones: 581-1433/358-2967

Centro de Educação Popular de São Sebastião (Cepss)

● Endereço: Rua da Gameleira, 211, Centro

● Telefones: 335-5773/335-4364

Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá (Cedep)

● Endereço: Quadra 19, conjunto D, Área Especial 1, Paranoá

Telefone: 369-2544

Centros conveniados com a UnB, que treina os alfabetizadores com métodos próprios.

O que é preciso para ser um alfabetizador

● Ajudar com paciência e dentro do ritmo próprio do alfabetizado

● Buscar a interação com outras pessoas ou grupos que estejam vivenciando a mesma experiência

● Atuar com regularidade (pelo menos duas a três vezes na semana, uma a duas horas seguidas)

● Estar consciente de que a relação do alfabetizador com o aluno deve ser respeitosa e democrática. O autoritarismo é uma das principais barreiras no processo de alfabetização

Letras ensinam a viver melhor

A Universidade de Brasília criou uma linha especial para orientar os candidatos de todo o país a alfabetizador — o *Fala Brasil*, por meio do número 0800 61 61 61. Quem acessar esse número receberá em casa, pelo correio, um livro da UnB sobre metodologias de alfabetização, lançado na Bienal do Rio de Janeiro com tiragem de dois mil exemplares.

“As próximas edições serão modificadas, para não frustrarmos a expectativa de quem estará lá na ponta, colocando o programa do governo federal em prática”, adianta Antônia Célia Bonfim, coordenadora do Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos do Decanato de Extensão da UnB. Pelos cálculos de Célia, entre 1997 e 2003 a universidade alfabetizou 13 mil pessoas e formou outras 700 para trabalhar na área. Em julho, serão abertas matrículas para cem novas turmas.

Inclusão social

A capacidade de estimular professores e alunos a usar a leitura e a escrita como forma de inclusão social foi considerada pelo MEC o grande diferencial do programa do DF. “Nossa intenção nunca foi só ensinar o bê-a-bá”, conta a decana de extensão, Dóris Faria. “Nos cursos, estimulamos os alunos a melhorar a auto-estima e lutar por seus direitos de cidadão.”

Pelos cálculos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 4% dos dois milhões de brasileiros são analfabetos. Os centros de educação popular oferecem cursos para quem deseja se tornar alfabetizador (leia quadro ao lado). Universidades como a Católica (UCB) e o Centro Universitário de Brasília fazem o mesmo, mas dão preferência a professores e alunos da própria instituição.